



O FILME “BORBOLETAS NEGRAS”: uma análise a partir da teoria sociológica durkheimiana

José Eduardo GOMES¹

Resumo

O presente ensaio propõe uma aproximação entre o filme "Borboletas Negras", que narra a trajetória de Ingrid Jonker, poetisa sul-africana que lutou contra o Apartheid, e conceitos durkheimianos, com foco em sua sociologia da moral. Entre os conceitos abordados estão: ambiguidade do sagrado, sanção difusa, sanção de direito e suicídio. Além disso, mobilizamos Norbert Elias (1994, 1995) para discussão dos conceitos de estrutura e agência, além de aproximações entre as trajetórias de Ingrid e do músico Mozart, aproximações essas inspiradas na obra "Mozart: Sociologia de um gênio", de Elias (1995).

Palavras-chave: Apartheid; Borboletas Negras; Sociologia da moral.

THE FILM “BLACK BUTERFLIES”: an analyses from durkheim sociological theory

Abstract

This essay proposes an approximation of the film "Black Butterflies", which tells the history of Ingrid Jonker, South African poet who fought against Apartheid and Durkheimians concepts, focusing on his sociology of morality. Among the concepts discussed are: ambiguity of the sacred, diffuse sanction, law sanction and suicide. In addition, we mobilize Norbert Elias (1994, 1995) to discuss the concepts of structure and agency, as well as similarities between the trajectories of Ingrid and Mozart musician, these approaches inspired by the book "Mozart: Sociologia de um gênio" (Elias, 1995).

Keywords: Apartheid, Black Buterflies; Sociology of morality.

¹ Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestrando em Sociologia na mesma instituição.

O presente ensaio tem como objetivo apresentar possíveis aproximações entre o filme “Borboletas negras” e a sociologia da moral durkheimiana. Para Durkheim, conceitos fundamentais relativos à moral deveriam ser buscados na sociedade, entendida como conjunto das interações e representações sociais elaboradas ao longo da história (WEISS, 2007). Weiss afirma que Durkheim buscou, através de sua sociologia da moral, distinguir a análise sociológica da filosofia da moral, que tinha como correntes predominantes, na França da época de Durkheim, o kantismo e o utilitarismo.

O filme narra a trajetória de Ingrid Jonker, poetisa sul africana que viveu durante a vigência do regime Apartheid, na África do Sul. A personagem tem uma vida repleta de dilemas morais que a atormentam. Seu pai faz parte do governo do Apartheid², o que provoca uma série de conflitos entre ambos, além de Ingrid ter uma filha e criá-la sozinha.

Ingrid contesta veementemente padrões de comportamento considerados, à época, adequados. Ingrid é bastante instável psicologicamente, alternando momentos de alegria e outros de tensão com as pessoas com quem convive. Ela rejeita as tentativas do pai de sua filha, com quem afirma ter se casado apenas para sair de casa, de reaproximação com ela, e direciona sua atenção para Jack Cope, um escritor contrário ao Apartheid que a resgata de um afogamento na praia, no início do filme, e com quem inicia um romance que, entre outros motivos, se mostra conturbado pelo fato de Jack estar passando por um divórcio litigioso e não poder casar-se com Ingrid, que interpreta o fato, já dando indícios de seu difícil temperamento, como falta de amor por parte de Jack. Esse sentimento de não ser amada e reconhecida parece guiar o comportamento de Ingrid também em relação à aceitação, por parte de seu pai, de seus poemas. Ela busca de forma insistente o reconhecimento do pai, mostrando-o poemas que escrevia e sendo reiteradamente frustrada em suas tentativas de sensibilizá-lo em relação ao conteúdo dos poemas e também em convencê-lo de que os brancos não são superiores aos negros. O filme se mostra bastante interessante no sentido de não privilegiar nem as consequências de suas características individuais, nem as características do seu contexto social como

² Apartheid é um termo africâner e significa separação. Foi o nome utilizado para nomear a política de segregação racial que vigorou oficialmente na África do Sul entre 1948 e 1990. Tal regime político separava jurídica e geograficamente as “raças”, sendo os brancos os dominadores de todas as outras. Ao restante da população eram reservados os Bantustanes, espaços geograficamente delimitados para sua circulação. As pessoas não brancas perderam direitos civis, sociais, econômicos e foram sistematicamente perseguidas durante a vigência do Apartheid.

determinantes de suas atitudes e de seu destino, deixando tal decisão para quem assiste ao filme e abrindo possibilidade para uma análise sociológica.

A presente análise privilegia, como sugere o título, Durkheim e sua teoria da moral, mas considerando que o debate sobre agência e estrutura, latente na sociologia desde seu surgimento, pode trazer reflexões interessantes, apontaremos ao final da análise algumas pistas para trabalhos que queiram dialogar com este artigo a partir de tal literatura.

Há diversas cenas do filme, que é baseado na história de vida real de Ingrid, em que a teoria de Durkheim parece adequada para reflexões sociológicas, haja vista o fato de serem cenas que evidenciam o caráter contestador da personagem, não afeita às regras morais da sociedade sul-africana de sua época, regras essas tão importantes para Durkheim, para quem a sociedade seria “sujeito *sui generis* dotado de uma ‘consciência própria’, que é a depositária de todos os bens morais e intelectuais produzidos pelo homem ao longo de sua história” (WEISS, 2007, p.19). Pois é essa entidade, dotada de consciência própria, que Ingrid contraria, questiona e muitas vezes rejeita durante toda sua vida, sendo objetivo do presente texto analisar, através da teoria de Durkheim, as motivações e consequências de tantas desavenças na vida da personagem.

Ingrid parece morar, no início do filme, em uma casa que pertence ao seu pai. A casa é confortável e ela a divide com sua irmã, que tem perfil distinto do de Ingrid: é mais conservadora no sentido de respeitar seu pai e em muitas cenas aparece cuidando da filha de Ingrid, transmitindo a ideia de ser uma pessoa responsável. Ingrid acaba, após ter discutido com a irmã, saindo da casa que dividia com a irmã, num gesto que corrobora sua imagem de pessoa avessa a ordens, à previsibilidade ou algum tipo de estabilidade. O contexto social em que Ingrid toma tal decisão agrava ainda mais sua situação. Sua fonte de renda, que seriam em um período em que o Apartheid não estivesse vigente, seus poemas, é reiteradamente sabotada por seu pai, deixando-a dependente da ajuda financeira de seu círculo de amigos. Além disso, quando Jack precisa visitar seus filhos e resolver seu problema com a ex-esposa, Ingrid, novamente mostrando sua impulsividade, afirma que pediu demissão de seu trabalho (o filme não mostra qual trabalho seria) apenas para poder ir à plataforma de trem despedir-se dele.

Outro problema enfrentado pela personagem é o álcool, que parece servir de refúgio sempre que ela enfrenta dificuldades. Em uma das cenas mais fortes do filme, ela, embriagada e depois de ter discutido sobre segregação racial com o pai, tenta tirar a filha do colo da irmã, que a xinga. Ingrid

acaba caindo no chão, cortando a mão e bebendo ajoelhada em meio aos pedaços da taça quebrada. Em decorrência disso sua irmã diz que ela não poderá mais viver na casa, que por sinal está sem luz por falta de pagamento. A resposta de Ingrid parece resumir seus dilemas pessoais: eu te entendo, nem eu consigo viver comigo mesma.

Tendo em vista os inúmeros conflitos mostrados no filme e que são oriundos, ao menos em parte, da discordância de Ingrid em relação à premissa vigente em seu contexto social de que os brancos eram superiores aos negros, podemos lançar mão das formulações de Durkheim a respeito da duplicidade contraditória inerente ao conceito de moral para leitura de cenas em que a personagem se vê refém de regras morais das quais ela discorda. A contradição coloca-se entre a autonomia do sujeito, de um lado, e a autoridade das instituições sociais e morais, de outro. Obedecer às regras morais vigentes em determinado contexto social, mesmo quando essas sejam desejáveis, gera “uma certa tensão ou certo constrangimento” (DURKHEIM, 2004, p.60). Durkheim questiona esse aspecto da moral, o da disciplina, do dever, haja vista o fato de isso poder significar um freio à atividade humana. Seria bom limitar, frear nossas liberdades?

Para Durkheim sim, pois nenhum homem pode realizar-se plenamente sem ter um horizonte, um limite. A incapacidade de permanecer dentro de certos limites seria para ele um sinal de morbidez. O autor afirma que graças à autoridade de que são revestidas, “as regras morais tem força suficiente para barrar nossos desejos, necessidades e apetites de toda sorte quando eles tendem a se tornar imoderados” (DURKHEIM, 2008, p.55). Ingrid parece transbordar esses “apetites imoderados”.

A obrigação constitui, para Durkheim, um dos aspectos da regra moral. O outro aspecto, não menos importante, está relacionado ao desejo do agente, a certa desiderabilidade. Todo ato moral apresenta essas duas características. Esses aspectos se tornam contraditórios para Durkheim, pois a autoridade que emana da sociedade, enquanto personalidade qualitativamente diferente das personalidades individuais que a compõem, confere caráter obrigatório aos indivíduos. A relação entre os dois elementos, dever e bem, varia de acordo com a época e com cada indivíduo, no que Durkheim chamou de daltonismo individual. Há indivíduos que tendem a querer uma vida mais regrada, previsível, enquanto outros não.

Ingrid encaixa-se nesse último grupo em diversos momentos do filme. Ela não está de acordo com a moral vigente em sua época, especialmente no que concerne à segregação racial, e por esse

motivo torna-se muitas vezes o que Durkheim classificaria como uma desviante consciente, uma das quatro formas de relacionar-se individualmente com as regras, que são: a) aceita e concorda; b) aceita e não concorda; c) não aceita e não concorda (desvio consciente); e d) não aceita e tem comportamento egoísta (anômico).

A seguir trataremos de relacionar as atitudes de Ingrid e das pessoas que convivem com ela com conceitos durkheimianos, quais sejam: ambiguidade do sagrado, sanção difusa, sanção de direito e suicídio.

1 A RELAÇÃO DE INGRID COM O PAI

A relação que Ingrid mantinha com o pai era bastante conturbada. Ele tinha um cargo político e era responsável por autorizar ou proibir a veiculação de obras de arte ou escritos durante o regime Apartheid. Acreditava que os negros tinham menor capacidade intelectual que os brancos, sendo que esses últimos teriam recebido a missão de governar a terra. Evocava o sagrado para legitimar suas ações. A cena em que ele defende ter herdado essa “missão” acontece em uma refeição e a noção de ambiguidade do sagrado, apresentada por Durkheim, representa-a muito bem, pois o pai de Ingrid atribui essa missão ao sagrado, não ousando violá-lo (primeiro aspecto), para logo em seguida agradecer ao mesmo ser sagrado pela refeição (buscando o caráter generoso, amável desse ser; seu segundo aspecto). Nas palavras de Durkheim “o ser sagrado é, em um sentido, o ser proibido, que não se ousa violar; é também o ser bom, amado, procurado” (DURKHEIM, 2008, p. 52).

É possível, a partir de um diálogo do personagem com sua filha Ingrid, fazermos uma aproximação com o conceito de sanção difusa, que se diferencia, segundo Durkheim, da sanção do direito, onde o descumprimento da regra tem uma punição pré-estabelecida: o personagem reclama com a filha por estar sendo motivo de piada entre seus colegas pelo fato de a filha ter se relacionado com diversos homens. A sanção, nesse caso, é fruto do que as pessoas pensam a respeito disso, e mesmo que o fato não prejudique ninguém ele é muitas vezes visto como uma agressão maior do que, por exemplo, alguém que sai dirigindo embriagado e que está oferecendo riscos, não só a ele, mas a diversas pessoas. Trata-se de uma sanção social. Reside nesse tipo de fato, em minha opinião, a importância de uma sociologia da moral que seja relativa ontologicamente, que leve em conta a

experiência e não a razão, que pesquise a tradição e que busque na intersubjetividade os fundamentos para suas explicações.

Sob o ponto de vista de Axel Honneth (2015), professor de Filosofia da Universidade de Frankfurt, poderíamos afirmar, de forma bastante exploratória, que dentre as esferas do reconhecimento por ele distinguíveis (para o autor o florescimento humano e a plena realização pessoal dependem da existência de relações éticas bem estabelecidas), a autoconfiança, gerada pelo elemento amor, no sentido de uma auto realização prática positiva, não existe para Ingrid, dada sua conturbada relação com o pai e a ausência da mãe, que ela perde quando ainda criança; também não existe o autorespeito, baseado no direito e na igualdade jurídica (que ela não possui, pois tem seus escritos sabotados pelo regime do Apartheid); o que a leva a não ter também a auto estima, fruto do trabalho.

1.2 O suicídio

Ingrid comete suicídio. Para Durkheim o indivíduo e a sociedade são seres de diferentes naturezas, mas o indivíduo só realiza-se sob a condição de estar vinculado à sociedade. Assim sendo, podemos indagar se o suicídio de Ingrid não estaria ligado ao fraco vínculo que mantinha com a sociedade africana em que vivia. Não concordava com o regime segregacionista, tinha dificuldade em se relacionar sexualmente com apenas uma pessoa (o que gerava diversos conflitos com a pessoa que melhor se relacionava), reclamou diversas vezes que buscava somente um “lar” seguro, criava sozinha sua filha e não tinha uma casa própria (ações muitas vezes vistas com desconfiança pela sociedade). Enfim, essa relação conturbada que a personagem mantinha com a sociedade em que vivia pode ter contribuído para um ato extremo de quem se sentia descolada da realidade, quando não em conflito com ela.

Durkheim apresenta, em sua obra “O suicídio” (DURKHEIM, 2013), três tipos de suicídio³: suicídio egoísta, revestido por um individualismo extremado por parte de quem o comete. O indivíduo que o comete não está integrado à sociedade ou grupos sociais (família e amigos, por exemplo). Outro tipo é o suicídio altruísta, e ocorre quando a força coercitiva da sociedade está presente de tal forma que leva a pessoa a sacrificar-se por ela através de atos que o levam à morte.

³ Além desses tipos, Durkheim explora de maneira breve o que denominou suicídio fatalista, que ocorreria quando as regras impostas pela sociedade causariam um excesso de coerção sobre o indivíduo, fazendo-o sentir incapaz de reagir diante delas.

Além desses há ainda o suicídio anômico, que acontece quando a sociedade passa por algum tipo de crise social, que enfraquece os laços dos indivíduos com as regras dessa sociedade (desemprego e crises econômicas severas podem aumentar as taxas desse tipo de suicídio).

Ao tentarmos ligar o suicídio da personagem que tinha, como foi demonstrado, fracas ligações com a sociedade em que vivia, podemos arriscar afirmar que se tratou de suicídio do tipo anômico, haja vista as inúmeras situações em que ficou evidente seu descontentamento com as regras morais impostas pelo regime segregacionista. A explicação para não o considerarmos egoísta advém do fato de Ingrid relacionar-se razoavelmente bem com seu grupo de amigos, composto por músicos, poetas, atores e artistas em geral, que tinham em comum a ampla discordância com o Apartheid. Entretanto o uso do conceito de Durkheim para o caso de Ingrid torna-se limitado se considerarmos que em diversos momentos, como já afirmamos acima, a personagem apresenta comportamentos, do ponto de vista individual, que podem ter colaborado para que ela cometesse o suicídio. Em sua última tentativa de mostrar um poema para o pai, quando já tinha tido seu livro publicado, ela vê em seu rosto mais uma expressão de desprezo e ouve que nunca mais quer ser vista por ele. Após essa cena Ingrid tenta o suicídio, cortando os pulsos, numa sequência que sugere que o motivo que a leva a tomar tal atitude está relacionado à rejeição que recebe do pai. Sendo assim, tal motivação escapa à análise durkheimiana, que tem foco nas razões sociais que levam ao suicídio. Nesse sentido a análise será complementada nas duas próximas seções.

1.3 A relação com seu companheiro

A primeira discussão mais calorosa que Ingrid tem com seu companheiro dá-se depois que este reclama por ela ter se insinuado para um dos seus amigos. Ela alega não ter culpa por não conseguir controlar seus desejos e os dois discutem. Cabe aqui a discussão sobre a importância e a força da monogamia na sociedade e de que forma ela afeta os relacionamentos. Além dessa discussão, Ingrid é recriminada por seu pai por ter tido relações com diversos homens, o que, segundo ele, estaria fazendo-o virar motivo de piada entre seus colegas. Nota-se aqui mais uma vez que a moral é, como afirma Durkheim, uma construção social, nesse caso, com traços machistas, visto que provavelmente se Ingrid fosse homem e mantivesse esse mesmo comportamento tornar-se-ia, ao invés de piada, motivo de orgulho para o pai vangloriar-se frente aos colegas. Cabe também aqui citar

Howard Becker (2008), pois para ele a sociedade cria o desvio e ele é dependente (depende de como as pessoas reagem a ele, depende de quem o comete e de quem se sente prejudicado por ele).

Entretanto, para além de problemas relacionados a preconceitos existentes no meio social, a análise do relacionamento expõe também comportamentos individuais de Ingrid que levam a desconfiarmos que ela tenha problemas psicológicos ligados à uma necessidade patológica de demonstração de afeto que exigia. Quando Jack precisou viajar para resolver problemas com sua ex-esposa, Ingrid ficou bastante atordoada e acabou indo dormir com um amigo em comum do casal, em um gesto que pareceu impensado e ocorrido muito mais devido ao ciúme possessivo de Ingrid do que a alguma atração que sentisse pelo homem. Novamente vem à tona motivações ligadas à personalidade de Ingrid, sendo o objetivo da próxima seção abordar essa dimensão.

2. AGÊNCIA, ESTRUTURA E A VIDA DE INGRID

Um dos debates mais latentes na sociologia desde seu surgimento enquanto disciplina, e que pode trazer reflexões sociológicas a partir do filme, é o que abrange os conceitos de estrutura e agência. O fato de não ser possível assumirmos de forma taxativa se o caminho que a personagem constrói e que a leva a um fim trágico é consequência do seu temperamento e dos seus dramas pessoais ou do contexto social em que está mergulhada pode servir de ponto de partida para tais reflexões.

A não menção, no filme, ao processo de socialização primária da personagem, e também o limite de espaço do presente ensaio, inviabilizam a complexificação dos conceitos que serão apresentados abaixo. Sendo assim, o uso de tais conceitos tem como principal objetivo o incentivo a possíveis análises posteriores.

De um lado há cenas do filme em que Ingrid demonstra reações muito particulares e que demonstrariam a importância de sua capacidade de reflexividade, de autonomia. Como exemplo podemos citar a cena em que, mesmo após ter seu livro de poesias publicado e premiado (reconhecimento social de seu sucesso), a personagem busca a aprovação de seu pai, indo lhe mostrar um de seus poemas. O pai de Ingrid rasga-o e ela fica visivelmente abalada. As primeiras cenas em que Ingrid tem delírios mentais aparecem depois desse acontecimento. O fato de Ingrid se colocar

contra o regime e, conseqüentemente, contra seu pai, aproxima-a de autores que sublinham a agência dos atores.

De outro lado temos diversos momentos do filme em que é a sociedade que “afeta” Ingrid. Dentre eles a cena em que ela percebe que não há crianças negras brincando na praça onde sua filha anda de balanço e a que serve de inspiração para seu poema mais famoso, quando uma criança negra é assassinada na sua frente e na frente de seus pais, pela polícia do regime, são as que trazem conseqüências mais negativas para os pensamentos de Ingrid. A personagem chega a ligar para Jack para dizer que está enxergando a criança morta ao olhar para sua filha. Tais acontecimentos evidenciam que a sociedade, ao lado da sua capacidade de reflexividade, afeta o comportamento de Ingrid.

Nesse sentido cabe citarmos dois trabalhos de um importante sociólogo: Norbert Elias. Elias publicou na Alemanha, em 1939, um ensaio que só viria a ser difundido em língua inglesa cerca de 30 anos depois, chamado “A sociedade dos indivíduos” (ELIAS, 1994). Seu objetivo nesse trabalho era romper com a visão dicotômica prevalente na sociologia, na época, entre indivíduo e sociedade. Elias defende que há uma interdependência entre indivíduos, que forma a “sociedade”. Nem o indivíduo deve ser tomado como fonte produtora da sociedade, nem o seu contrário, ou seja, a sociedade como origem da determinação dos indivíduos. O resultado das ações individuais e também de articulações coletivas deriva, para Elias, da interdependência entre ambos.

Nesse mesmo tom o autor escreve um livro em que analisa a trajetória artística de Mozart (ELIAS, 1995), reconhecido principalmente após sua morte como um dos músicos mais importantes da história ocidental. Elias defende nesse trabalho que a separação do indivíduo Mozart enquanto gênio, de um lado, e sua existência social, de outro, é “artificial, enganadora e desnecessária” (ELIAS, 1995, p.53).

Mozart viveu durante o século XVIII na Europa, período e espaço onde a nobreza aristocrática ditava os comportamentos e os músicos, caso de Mozart, dependiam basicamente de trabalhos em cortes, onde sua música deveria ser subordinada aos gostos da mesma. O pai de Mozart pertencia à burguesia, estrato social inferior, mas circulava, dada sua condição de também músico, entre as cortes. Seu objetivo era tornar Mozart um músico de corte, mesmo que subordinado aos gostos da nobreza. Entretanto, Mozart foi um eterno insatisfeito com o tratamento condescendente e humilhante a ele dispensado pela nobreza.

O objetivo do músico era ser tratado de forma igualitária, pois acreditava que seu talento o habilitava a tal tratamento. Esse desejo jamais foi alcançado e, para Elias, esse sentimento de não reconhecimento por parte do seu público, ao lado do arrefecimento do afeto de sua esposa, ligavam-se entre si e foram responsáveis diretos pela incapacidade de reação de Mozart frente à uma doença e sua consequente morte. Sendo assim, só é possível compreender plenamente Mozart enquanto ser humano se considerarmos o contexto de seu tempo. Aqui reside a semelhança com Ingrid, no sentido de que a poesia de Ingrid emerge de sua vivência no Apartheid, ou seja, para compreender sua obra é preciso, como no caso de Mozart, compreender seu contexto social.

Além disso, outro aspecto comum entre os dois está no fato de que ao final do filme temos a sensação de que tanto o regime Apartheid quanto o fracasso pessoal de Ingrid em convencer o pai a apreciar seus poemas levaram Ingrid ao suicídio. Fatores psicológicos e fatores ligados ao seu contexto social, agência e estrutura, estão presentes de forma simultânea. Ambos lutaram contra o que consideravam ser uma injustiça: Ingrid contra o Apartheid e Mozart contra a soberba aristocrática. Mas ao lado disso há fatores psicológicos, individuais, que não podem ser menosprezados. A conclusão é a de que o destino individual de ambos não pode ser analisado sem que seja considerada, de forma paralela, a estrutura social em que estavam inseridos. Nesse sentido a sociologia ganha fôlego analítico buscando considerar de forma combinada ambas as dimensões. Mesmo que Norbert Elias tenha defendido tal posicionamento ainda na década de 1940, tal debate está longe de poder ser considerado como superado.

Enfim, as diversas situações vividas pela personagem evidenciam que uma sociologia da moral tem muito que contribuir no debate sobre os rumos das sociedades. Além disso, é importante que o conceito de moral seja ontologicamente relativo, baseado na experiência e não na razão, e conectado com a realidade social, com as razões intersubjetivas que dão suporte a uma série de questões morais que podem e devem ser objeto de estudos sociológicos.

Um dos poemas de Ingrid, *A criança que foi morta a tiros por soldados em Nyanga*, foi lido por Nelson Mandela em sua cerimônia de posse como presidente da África do Sul, em 1994, nas primeiras eleições após o fim do Apartheid.

FICHA TÉCNICA:

Borboletas Negras (Black Butterflies). Alemanha/ Holanda/ África do Sul. 2011. 100 min.
Dirigido por Paula Van Der Oest.

REFERÊNCIAS:

BECKER, Howard. *Outsiders— Estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

DURKHEIM, Émile. *A ciência social e a ação*. São Paulo: Difel, 1975.

DURKHEIM, Émile. *A educação moral*. Petrópolis: Vozes, 2008.

DURKHEIM, Émile. *O suicídio. Estudo de Sociologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

DURKHEIM, Émile. *Sociologia e filosofia*. São Paulo: Ícone, 2004.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. *Mozart: Sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento – A gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora 34, 2015.

WEISS, Raquel. *Émile Durkheim e a Fundamentação Moral da Sociedade*. 2007, 280f. Tese (doutorado). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo.

Recebido em: 06 de jan. 2016.

Aceito em: 11 de nov. 2016.